

PAPÉIS AVULSOS

DO

DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA

SECRETARIA DA AGRICULTURA — S. PAULO — BRASIL

NOTAS SINONÍMICAS

I I

POR

FREDERICO LANE

COL. PRIONIDAE

Em trabalho que publiquei em 1942 sobre o gênero *Poekilosoma* Serville, 1832, interpretei as recomendações do Art. 36 das Regras Internacionais de Nomenclatura Zoológica como permitindo a manutenção do gênero, em virtude de pequena variação ortográfica, no caso a letra *k*. Com interpretação contrária, *Poecilosoma* Huebner, 1819 (gênero de Lepidoptera), invalidaria o gênero de Serville. O nome próximo aproveitável seria *Ceroctenus*, erigido pelo mesmo autor, no mesmo ano e na mesma obra, páginas adiante, para o ♂ de *Poekilosoma ornatum*, sob outra denominação específica.

Agora, como já se encontra regulamentado o assunto, em virtude da Opinião 147 da Comissão Internacional de Nomenclatura Zoológica ¹⁾, torna-se necessária a revalidação de *Ceroctenus* Serville, 1832. Teremos, assim, a seguinte sinonímia genérica:

Ceroctenus Serville, 1832 (revalidado)

Ceroctenus Serville, 1832, Ann. Soc. Ent. France, 1:196-197; Dejean, 1835, Cat. Col., 2.^a ed. : 319; Dejean, 1837, Cat. Col., 3.^a ed. : 344; White, 1853, Cat. Col. Ins. Brit. Mus., 7:57-58; J. Thomson, 1860, Classif. Céramb. : 287 (chave), 304; J. Thomson, 1864, Syst. Ceramb. : 275, 466 (chave); Lacordaire, 1869, Gen. Col., 8:186-187; Gemminger et Harold, 1872, Cat. Col., 9:2784.

(1) Opinions and Declarations rendered by the International Commission on Zoological Nomenclature, 1943, 2 (14) : 123-132 (Opinion 147). Edited by Francis Hemming. London.

- Poekilosoma* Serville, 1832, Ann. Soc. Ent. France, 1:184; Buquet in Guérin, 1844, Icon. Règne Anim., Ins. : 213 e 215; F. Lane, 1942, Arq. Inst. Pesq. Agronômicas de Pernambuco, 3:149-152.
- Poecilosoma* Dejean, 1835, Cat. Col., 2.ª ed. : 319; Dejean, 1837, Cat. Col., 3.ª ed. : 344; Newman, 1838, Ent. Mag., 5:492-493; Castelnau, 1840, Hist. Nat. Inst. Col., 2:411; Blanchard, 1843, Voy. D'Orb., Ins. : 207; Blanchard, 1845, Hist. Ins., 2:143; White, 1853, Cat. Col. Ins. Brit. Mus., 7:57; J. Thomson, 1857, Arch. Entomol., 1:10; J. Thomson, 1860, Classif. Céramb. : 286-287 (chave), 303; J. Thomson, 1864, Syst. Céramb. : 276, 467 (chave); Lacordaire, 1869, Gen. Col., 8:186-188; Gemminger et Harold, 1872, Cat. Col., 9:2785; Lameere, 1909, Mém. Soc. Ent. Belg., 17:28-31; Lameere, 1913, Col. Cat. Junk et Schenkling, 22 (pars 52) : 52; J. Melzer, 1919, Rev. Mus. Paulista, 11:100-104; Lameere, 1919, Gen. Ins., fasc. 172: 95 (chave), 99-100; Blackwelder, 1946, Checklist Col. Ins., Bull. U. S. Nat. Mus. 185 (4) : 554.

GENOTIPO: *Ceroctenus abdominalis* Serville, 1832 (♂) =
Poekilosoma ornatum (Dalm., 1823) (♀).

COL. LAMIIDAE

Clytemnestra Thomson, 1860

Dillon et Dillon, 1945, consideraram as duas únicas espécies dêste gênero como sinônimas e apenas merecendo categoria sub-específica. De passagem, menciono aqui o fato de que Hermann Luederwaldt já havia atinado com a extrema semelhança das duas formas, relegando-as à categoria de subespécies na rotulagem dos exemplares nas coleções entomológicas do Museu Paulista, hoje patrimonio do Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura de São Paulo. Acontece que, na série examinada por Luederwaldt, segundo me parece, todos os exemplares pertencem a *Clytemnestra adspersa*. Voltarei mais adiante a êste assunto.

Tanto na sinonímia específica de Luederwaldt, inédita e sem valor bibliográfico, como na de Dillon et Dillon, a espécie mais recente, *Clytemnestra adspersa* (Cast., 1840), é tomada como a espécie típica, passando a mais remota, *Clytemnestra albisparsa* (Germar, 1824), a figurar como simples subespécie daquela.

Dillon et Dillon designam o tipo de *Clytemnestra* como sendo "*Clytemnestra adspersa* Thomson (= *Trachysomus adspersus* Castelnau)". Em seguida, separam as subespécies da seguinte forma:

Clytemnestra adspersa adspersa Castelnau e
Clytemnestra adspersa albisparsa Germar.

Ora, quer me parecer que antes de nomear as subespécies, fica implícito o estabelecimento da sinonímia. Assim, prevalece *Cly-*

temnestra albisparsa (Germar, 1824), da qual *Clytemnestra adspersa* (Castelnau, 1840) é forçosamente sinônimo no plano específico. As subespécies seriam então:

Clytemnestra albisparsa albisparsa (Germar, 1824) e
Clytemnestra albisparsa adspersa (Castelnau, 1840).

Teremos, assim, a seguinte e curiosa sinonímia:

Clytemnestra albisparsa albisparsa (Germar, 1824)

Sinônimo: *Clytemnestra adspersa albisparsa*, Dillon et Dillon, 1945 (p. 87).

Clytemnestra albisparsa adspersa (Castelnau, 1840)

Sinônimo: *Clytemnestra adspersa adspersa*, Dillon et Dillon, 1945 (pp. 85-87).

Convém notar, no entanto, que o gênero *Clytemnestra* foi invalidado pelo próprio Thomson. Quando êsse autor descreveu o gênero, em 1860, incluiu nêle três espécies separadas em dois grupos com caracteres diferenciais, *A* e *B*. No primeiro grupo figura apenas a *Clytemnestra tumulosa* Thomson; no segundo, as espécies *C. adspersa* Thomson e *C. bonariensis* Thomson. Todas as três espécies tem início com a mesma data de 1860.

Em 1864, verificando que *C. tumulosa* outra coisa não era senão o *Hypselomus cristatus* Perty, 1830; e considerando *tumulosa* o tipo do seu gênero *Clytemnestra*, invalidou êste como sinônimo de *Hypselomus* (por homotipia). Embora não tenha Thomson especificamente apontado *tumulosa* como tipo em 1860, afirma em 1864 (p. 8) ter seguido, na obra anterior, o critério de considerar a primeira espécie como constituindo o tipo de um gênero: "Afin d'éviter la confusion dans la nomenclature, je me suis astreint dans cet ouvrage, ainsi que je l'ai fait généralement dans mon *Essai*, à considérer comme devant constituer le type d'un genre la première espèce qui en a été publiée, ou bien à défaut, la première espèce publiée qui en a été citée". E mais adiante: "Lorsqu'un genre renferme un ou plusieurs sous-genres ou divisions, j'ai considéré la première espèce de la division typique, comme devant constituer le type de ce genre". O processo de sinonimização de Thomson em 1864 (p. 101) equivale à uma legítima seleção de tipo e, como tal, quer me parecer, deve ser considerado. Não posso interpretar de outra maneira o trecho em questão:

"349. *Hypselomus* Perty.

Del. Anim. Art. p. 95.

Syn: *Clytemnestra* Thomson Ess. Class. Céramb. p. 113.

Type: *H. Cristatus* Perty l. c. p. 96, pl. 19, fig. 8. Brésil.

Syn: *Clytemnestra tumulosa* Thomson l. c."

Ficam, assim, sem denominação genérica as duas espécies da divisão *B* de Thomson. E de fato, Lacordaire, 1872, p. 669, nota 1, aceita *Clytemnestra* como sinônimo de *Hypselomus* Perty, 1830, e remove as espécies do grupo *B* de Thomson para o gênero *Hypsioma* (notas 1 e 2 da p. 676). Gemminger et Harold, 1873, p. 3120, procedem de igual maneira, catalogando *Clytemnestra* como sinônimo de *Hypselomus* e *C. tumulosa* Thomson como sinônimo de *H. cristatus* Perty. Quanto às espécies do grupo *B* de Thomson, aparecem no Catalogus Coleopterorum d'esses autores incluídas no gênero *Hypsiomā* (pp. 3122-3123):

“*adspersa* Casteln. Hist. nat. II. 1840. p. 482, — Dej. Cat. 3 ed. p. 370. — Thoms. Class. Longic. 1860 p. 114. — Lacord. Gen. Col. IX. 2 p. 676. not. 2.

Brasilia.

.....
albisparsa Germ. Ins. Spec. nov. 1824. p. 477.

Montevideo.

bonariensis Thoms. Class. Longic. p. 115. — Dej. Cat. 3. ed. p. 370.

Buenos Aires.

.....
bonaëriensis Burm. Stett. Zeit. 1865. p. 179.

Buenos Aires.

.....
 E ainda em 1884, Lameere, numa lista de longicórnios do Brasil e de La Plata, aponta *Hypsioma albisparsa* Germ., de Buenos Aires, e *H. adspersa* Casteln., do Rio Grande do Sul e de Teresópolis. Coloca também o *H. bonaëriensis* Burm. na sinonímia de *albisparsa*.

Muitos anos depois, em 1923, é que Aurivillius, no Coleopterorum Catalogus de Junk et Schenkling, destaca do gênero *Hypsioma* as duas espécies do grupo *B* de Thomson (sinônimos de *adspersa* Cast. e *albisparsa* Germ.). Mas, em vez de dar-lhes uma nova denominação genérica, restaura o gênero invalidado de Thomson. Certamente na fé d'este autor, tanto Dillon et Dillon como Blackwelder, em 1945 e 1946, utilizaram o nome *Clytemnestra*.

Para estas duas e únicas espécies erroneamente incluídas em *Clytemnestra*, gênero inválido, proponho:

Dillonia, gen. nov.

Onciderinae de forma robusta; com a fronte um pouco mais longa que larga, mais alargada na parte basal; lobo inferior dos olhos alcançando cêrca da metade da distância entre a base dos tubérculos das antenas e a margem distal dos processos jugulares; êstes obtusos; tubérculos das antenas salientes, contiguos na base, abertos em V, isto é, em ângulo agúdo, armados no ápice. Antenas um pouco mais longas que o corpo na ♀, $1\frac{1}{3}$ a $1\frac{1}{2}$ vezes o comprimento do corpo no ♂; o escapo engrossado gradualmente da base ao ápice, alcançando cêrca do meio do pronoto; o 3.º artículo reto, subigual em comprimento ao escapo no ♂; $\frac{1}{6}$ menor na ♀; os artículos seguintes decrescentes, 7-10 subiguais; o 11.º subigual ao 10.º na ♀, maior no ♂. Protorax transverso; estreitado anteriormente; de cada lado, mais próximo à base, com um tubérculo obtuso; o disco do pronoto com tubérculos rasos. Escutelo oblíquo, largo na base, estreitado para o ápice, êste mais ou menos arredondado. Élitros cêrca de $3\frac{1}{2}$ a $4\frac{1}{2}$ vezes o comprimento do pronoto; fortemente convexos; largos na base, os úmeros salientes; para trás gradualmente estreitados, os ápices arredondados; no disco com elevações irregulares e rasas, com a forma de gibas indefinidas e mais ou menos contiguas, na parte basal; a base pontuado-escabrosa, de resto apenas pontuados. Metasterno fortemente abaulado, transverso. Pernas robustas, subiguais; as coxas anteriores e médias globulosas, exsertas; as anteriores nos ♂♂ com um pequeno processo dentiforme no lado interno do ápice; tibias posteriores fortemente engrossadas nos ♂♂, nas ♀♀ simples.

TIPO DO GENERO: *Clytemnestra adspersa* Thomson, 1860 (*Trachysomus adspersus* Castelnau, 1840).

Dillon et Dillon, como já vimos, reuniram as duas espécies de *Clytemnestra*, atribuindo-lhes apenas valor subespecífico. Na realidade, as subespécies de Dillon et Dillon são apenas conjecturais. O material escasso examinado por êsses autores e a distribuição geográfica não justificam plenamente essa categoria subespecífica. Fôra melhor conservar a independência específica das duas formas até que estudos mais exaustivos permitissem conclusões fundamentadas.

De *Clytemnestra adspersa* examinaram aqueles autores 9 ♂♂ e 6 ♀♀ sem indicação de localidade, e mais 2 ♀♀ de Mafra (Estado de Sta. Catarina) e um ♂ de Nova Teutonia (Estado de Sta. Catarina). Baseados, portanto, em apenas três exemplares de localidade conhecida, julgam-se os autores aptos a julgar uma questão de subespecificidade e distribuição geográfica, que é dada como "Southeastern Brazil".

Pois bem, de *Clytemnestra albisparsa* examinaram 3 ♂♂ e 4 ♀♀ de Mafra e 1 ♂ e 4 ♀♀ do Estado do Rio Grande do Sul. De Montevideo, localidade típica, 3 ♂♂ e 2 ♀♀; do Paraguai, 1 ♀ sem local certo, 1 ♂ de Horqueta e 1 ♀ de Aregua; da Argentina, 1 ♀ de La Plata. A distribuição geográfica é dada como "Extreme southern Brazil, Paraguay, Uruguay, and into Argentina".

Nestas condições, a zona de intergradação seria no Estado de Santa Catarina, pois em Mafra encontram-se as duas formas. Dillon et Dillon dando a distribuição brasileira de *albisparsa* como "Extreme southern Brazil" focalizam apenas os exemplares do Rio Grande do Sul, de vez que os de Mafra incidem na distribuição de *adspersa* (Mafra e Nova Teutonia) dada como "Southeastern Brazil".

Quer me parecer que êsses dados são por demais frageis para julgar a subespecificidade das formas em questão. Releva ainda notar que a subespécie é na escala zoológica uma entidade difícil de categorizar quando não se leva em conta os modernos conceitos da Entomologia. Tratando-se de uma questão de diversidade populacional, as pequenas séries não se prestam para definir a subespécie geográfica. Assim, longe de ser conclusivo o ponto de vista de Dillon et Dillon, o material examinado permite quatro soluções:

1. As duas formas são espécies distintas, embora muito afins, e com caracteres comuns, ora mais, ora menos recorrentes, mas com caracteres diferenciais suficientes para a sua caracterização. E, na realidade, Dillon et Dillon não encontraram dificuldade em separá-las, até mesmo quando provenientes da mesma localidade. Diagnosticam pormenorizadamente *adspersa* e fornecem bôa diagnose diferencial para *albisparsa*.

2. Trata-se de uma única espécie sujeita à variabilidade bastante acentuada, mas sem caráter subespecífico.

3. Trata-se de um cline em que a variabilidade progressiva acentua-se a ponto de produzir nos extremos formas que assumem o aspecto de espécies distintas.

4. Trata-se realmente de duas subespécies com uma zona de intergradação.

As duas últimas hipóteses esbarram em referências bibliográficas que indicam a existência de *adspersa* muito mais ao sul de uma suposta zona de intergradação, ou da possibilidade de se considerar uma variabilidade progressiva, ou cline. De fato, Lameere, 1884, reporta um exemplar de *C. adspersa* do Rio Grande do Sul e Juan M. Bosq constata essa forma na República Argentina.

Quanto à segunda hipótese, posso afirmar que a variabilidade em exemplares que eu considero como sendo de *adpersa* levou Gounelle, e mais tarde Melzer e Luederwaldt, a identificar as formas um tanto mais claras e com as manchas brancas mais esparsas como *albisparsa*. Mas essa variação em *adpersa* não atinge, segundo penso, *albisparsa* que, a julgar pelos poucos exemplares que me foi possível examinar, possui caracteres próprios.

Resta a primeira hipótese, a mais acertada até que evidência em contrário indique situação diversa. As séries do Departamento de Zoologia não permitem solucionar o problema, visto que *adpersa* encontra-se bem representada (70 exemplares), ao passo que a série de *albisparsa* conta com apenas três espécimens.

***Dillonia adpersa* (Castelnau, 1940), n. comb.**

(Fig. 1)

Trachysomus adpersus Cast., 1840, Hist. Nat. Col., 2:482.

Clytemnestra adpersa Thomson, 1860, Classif. Céramb. : 114-115.

Clytemnestra adpersa (Cast.) — Aurivillius, 1923, Col. Cat. Junk et Schenkling, 23 (pars 74) : 341; Blackwelder, 1946, Checklist Col. Ins., U. S. Nat. Mus. Bull., 185 (4) : 603.

Hypsioma adpersa (Cast.) — Lacordaire, 1872, Gen. Col., 9 (2) : 676, nota 1; Gemminger et Harold, 1873, Cat. Col., 10:3122; Lameere, 1884, Ann. Soc. Ent. Belg., 28:93.

Clytemnestra adpersa adpersa Castelnau — Dillon et Dillon, 1945, Reading Publ. Mus. & Art. gallery, Scient. Publ. n. 5:85-87; 1946, l. c., Scient. Publ. n. 6: pl. 1, fig. 7; Bosq, 1954, Cerambycidae comprobados en la República Argentina y anotados por, in Juan Foerster, Entomologia (Catalogo y Periodica).

Tegumento castanho-avermelhado quase negro, em parte mais claro, isto é, caracteristicamente castanho-avermelhado, em especial nos rebordos externos dos élitros, terço basal dos fêmures médios e posteriores e base das tibias posteriores.

Revestimento piloso de um pardo-chocolate, geralmente escuro, mas não raro de tonalidade mais clara; pronoto e lados do protorax salpicados de branco, as manchinhas muito irregulares e situadas mais para o lado posterior; escutelo pardo uniforme; élitros densamente pintalgados de branco, as manchas muito irregulares, quer em tamanho, quer em contorno; a fronte com uma faixa esbranquiçada de cada lado; uma faixa lateral esbranquiçada que abrange a parte inferior das genas, a parte latero-inferior do protorax, mesotorax, bordo superior do metasterno, meta-episternos e coxas posteriores, com alguns pontos escuros, desnudos, no protorax, mesotorax, bordo superior do metasterno, meta-episternos e coxas posteriores, com alguns pontos escuros, desnudos, no protorax, metasterno e meta-episternos; os meta-episternos com algum

pardo na parte central; parte central e infero-lateral do metasterno e todo o abdomen cobertos de pilosidade branca com pontos circulares escuros, desnudos, bastante adensados; pernas variegadas de branco; antenas quase negras, com os artículos 4, 6 e 8 com largos aneis basais brancos, 5, 7 e 10 com aneis estreitos, 3, 9 e 11 com algum branco na base, o 3.º artículo às vezes mais largamente manchado de branco no lado inferior.

Tubérculos das antenas nos ♂♂, salientes, erectos, bem aproximados entre si, formando um V agudo, as extremidades por vezes um tanto convergentes; nas ♀♀ um pouco mais abertos e menos salientes.

Comprimento: 9.5-16 mm. (♂♂) e 13-16 mm. (♀♀); largura úmeral, 4-7.5 mm. (♂♂) e 5.5-7.5 mm. (♀♀). Os ♂♂ são em geral menores que as ♀♀, sendo a média de cêrca de 13.4 mm. de comprimento por 5.5 de largura úmeral; nos ♀♀ essa média encontra-se ao redor de 14.75 mm. e 6.5 mm. respectivamente.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA: O mapa (fig. 2) mostra a distribuição nos Estados brasileiros do Rio de Janeiro (Serra do Mar e Serra da Mantiqueira), Minas Gerais (Serra da Mantiqueira), Estado de São Paulo (Serra do Mar, Serra da Mantiqueira, e da Capital do Estado até Olimpia, seguindo um rumo NO 325), Paraná (Curitiba e Ponta Grossa) e Santa Catarina (Rio das Antas, Joinville e Nova Teutonia). O mapa da fig. 2 representa aproximadamente a área de dispersão indicada pela série de exemplares do Departamento de Zoologia, excluído um exemplar do Rio Grande do Sul (Marcelino Ramos), cujo estado de conservação não permite identificação segura, e alguns poucos de procedência incerta. Para facilitar a compreensão do mapa, damos abaixo, por Estado, a lista dos exemplares que serviram para a sua confecção.

ESTADO DO RIO DE JANEIRO: Serra do Macahé, 1909, E. Garbe col., 2 ♂♂ e 1 ♀; Corcovado, 1922, M. V. de Azevedo col., 1 ♀; Itatiaia, 700 m., 10.XI.1925, J. F. Zikán col., 1 ♀.

ESTADO DE MINAS GERAIS: Passa Quatro, 915 m., 4.XII.1922, J. F. Zikán col., 1 ♀; Virginia, Fazenda Campos, 23.II.1916, J. F. Zikán col., 1 ♂.

ESTADO DE SÃO PAULO: Serra da Bocaina, IV.1924, Luederwaldt et Spitz col., 1 ♀; Piquete, 1897, Zeck col., 1 ♀; Campos do Jordão, XII.1906, Luederwaldt col., 1 ♀; Campos do Jordão, 20.I.1936, F. Lane col., 2 ♂♂; Serra Negra, 1908, N. Toledo Mello col., 1 ♀; Monte Alegre, 1.100 m., 24-30.XI.1942, F. Lane col., 1 ♀; Amparo, Schiller Torres col., 1 ♂ e 1 ♀; Rio Claro, 1933, Claret. col., 1 ♂; Agudos, 1909, H. Redo col., 1 ♂ e 1 ♀; Olimpia, XI.1916, E. Garbe col., 1 ♂; Barueri, IX-XII.1954, K. Lenko col., 6 ♂♂ e 1 ♀; Cantareira, IX.1935, C. Worontzow col.,

1 ♂; S. Paulo (Capital), diversas datas e coletores, 2 ♂♂ e 1 ♀; São Paulo (Capital, Ipiranga), diversas datas, H. Luederwaldt col., 5 ♂♂ e 2 ♀♀; idem, 11.XII.1907, Salv. M. Torres col., 1 ♂; idem, 24.I.1938, F. Lange de Morretes col., 1 ♀.

ESTADO DO PARANÁ: Curitiba, X, XI, XII e I-II (1934-1938), Col. Clarentino col., 3 ♂♂ e 6 ♀♀; Ponta Grossa, XII.1938 e I.1939, C. A. de Camargo Andrade col., 8 ♂♂ e 4 ♀♀; Curitiba, X.1937, C. Westermann col., 1 ♀.

ESTADO DE SANTA CATARINA: Rio das Antas, I.1955, 1 ♀; Joinville, Schmalz col., 1 ♂ e 1 ♀; Nova Teutonia, 4.I.1937, F. Plauermann col., 1 ♀.

Uma análise dos meses em que foram feitas as capturas, indica ser a espécie encontrada de setembro até maio, sendo que os meses em que é mais frequente parecem ser os de novembro e dezembro.

O entomologista Karol Lenko colecionou os exemplares de Barueri sobre a planta vulgarmente conhecida como Herva-lança (*Solidago microglossa* De Candolle).

Dillonia albisparsa (Germar, 1824) n. comb.

(Fig. 3)

Lamia albisparsa Germar, 1824, Ins. Spec. Nov. : 477-478.

Hypsioma albisparsa (Germar) — Lacordaire, 1872, Gen. Col., 9 (2) : 676, nota 2; Gemminger et Harold, 1873, Cat. Col., 10: 3122; Lemeere, 1884, Ann. Soc. Ent. Belg., 28:93; Bruch, 1912, Rev. Mus. La Plata, 19 (2) : 210-211.

Clytemnestra albisparsa (Germar) — Aurivillius, 1923, in Col. Cat. Junk et Schenkling, 23 (pars 74) : 341; Bosq, 1943, Ingeniería Agronómica, 4 (18-22) : 24; Blackwelder, 1946, Checklist Col. Ins., U. S. Nat. Mus. Bull., 185 (4) : 603; Prosen, 1947, Rev. Soc. Entomol. Arg., 13:331; Bosq, 1949, Rev. Soc. Entomol. Arg., 14:199. *

Clytemnestra adspersa albisparsa (Germar) — Dillon et Dillon, 1945, Reading Publ. Mus. & Art Gallery, Scienn. Publ. n. 5:87; Dillon et Dillon, 1946, 1. c., Scient. Publ. n. 6 : pl. 1, fig. 8; Bosq, 1951, Com. Zool. Mus. Hist. Nat. Montevideo, 3 (n.º 62) : 23.

Clytemnestra bonariensis Thomson, 1860, Classif. Céramb. : 115.

Hypsioma bonaëriensis Burmeister, 1865, Stett. Ent. Zeit., 24:179.

Em relação a *adspersa*, Dillon et Dillon dão os seguintes caracteres diferenciais para *albisparsa*: “pubescência dorsal de côr amarelo-pardacenta a fulva; a fronte em grande parte branco-amarelada, variegada de pardo; élitros com maculas brancas menos densas, não tão distintas e mais confinadas aos dois terços distais; antenas com pubescência pardo-escura ou fusca, usualmente ane-

* Tanto Prosen, 1947 como Bosq, 1949, atribuem erradamente *albisparsa* a Castelnau.

ladas de branco nas bases de todos os segmentos a partir do quarto”.

Só me foi possível examinar 3 exemplares de *albisparsa*, de modo que qualquer conclusão seria ousada. O exemplar ♂ representado na fig. 3, apresenta o dorso revestido de pubescência pardo-fulva, entremeada de manchas brancas muito esparsas e pouco definidas. As antenas mostram a coloração branca desde a parte infero-apical do escapo; o 3.º artículo trás um anel no terço basal, mas no lado inferior extensa por toda a metade basal; artículos 4, 6 e 8 com a metade basal branca; 5 e 7 com apenas estreito anel basal; os artículos distais com o branco muito entremeado de pardo. Aliás, todo o branco das antenas é ora mais, ora menos, entremeado de pêlos pardos. O escapo das antenas e o 3.º artículo são subiguais em comprimento; o 4.º é mais curto que o 3.º; 4-7 muito gradualmente decrescentes em comprimento; 8-10 subiguais em comprimento ao 7.º artículo; o 11.º artículo subigual ao 5.º, um pouco mais longo que o 10.º. Estas medidas relativas dos artículos antenais não servem de carater diferencial em relação a *adspersa*, cujos ♀♀ apresentam medidas idênticas. Um carater que talvez poderia ter valor diferencial é o aspecto dos tubérculos das antenas que neste exemplar de *albisparsa* são muito mais abertos e afastados. Nenhum dos exemplares de *adspersa*, dêsse sexo, da série do Departamento de Zoologia, mostra igual afastamento dos tubérculos; pelo contrário, os ♂♂ de *adspersa* mostram sempre os tubérculos em V fechado e as extremidades quase sempre algo convergentes.

Comp. 15.75 mm., larg. úmeral, 7 mm.

LOCALIDADE: Argentina, Prov. de Buenos Aires, J. M. Bosq col.

Examinei mais uma ♀ da mesma procedência que o ♂ acima comentado, e outro exemplar também ♀, pertencentes ao Instituto Entomológico de Berlin-Dahlem, procedente do Uruguay, Dept.º de San José, R. Meyer col. Êste último devo à gentileza do saudoso Dr. Walter Horn, que me enviara o exemplar e outros mais para identificação.

Segundo Bosq, 1943, a larva se desenvolve em ramos de “espinillo”, cortadas por *Oncideres*.

Platysternus Dejean, 1835.

- Dejean, 1835, Cat. Col., 2.ª ed. : 336; Dejean, 1937, Cat. Col., 3.ª ed. : 362; Blanchard, 1845, Hist. Nat. Ins., 2:156, 174; Bates, 1862, Ann. Mag. Nat. Hist., (3) 9:400; Thomson, 1864, Syst. Céramb. : 17, 350 (chave); Lacordaire, 1872, Gen. Col. 9 (2) : 730-731; Gemminger et Harold, 1873, Cat. Col., 10:3139; Aurivillius, 1923, Col. Cat. Junk et Schenkling, 23 (pars 74) : 372; Blackwelder, 1946, Checklist Col. Ins., U. S. Nat. Mus. Bull., 185 (4) : 607.

Este gênero, geralmente atribuído a Blanchard, realmente pertence a Dejean que em 1835, na 2.^a edição do seu catalogo de coleopteros, inclui nêle uma única espécie, *hebraeus* Fabr. Esta espécie fabriciana, de 1781, tem avantajado lastro de citações bibliográficas e encontra-se figurada por Olivier.

Não fôra esta prioridade, o gênero de Blanchard seria válido, mas não pelas citações de Gemminger et Harold e de Aurivillius, onde aparece apenas citada a página 156, em que se encontra uma descrição de nenhum valor em si. Acontece que essa caracterização inócua encontra-se complementada por uma designação de tipo à página 174, o que validaria o gênero.

O haplótipo e até hoje a única espécie do gênero é a seguinte:

***Platysternus hebraeus* (F., 1781)**

(Fig. 4)

Lamia hebraea F., 1781, Spec. Ins. : 210; F., 1787, Mant. Ins., 1:131 (*Ceramryx*); F., 1792, Ent. Syst., 1 (2) : 273 (*Lamia*); Linn, 1790, Syst. Nat., ed. 13.^a (Gmelin), 1 (4) : 1820 (*Cerambyx*); Olivier, 1790, Encycl. méth., 5:291 (*Cerambyx*); Olivier, 1797, Tabl. Encycl. méth. : pl. 207, fig. 6; Olivier, 1795, Ent. 4 (n.º 67) : 62 (*Cerambyx*); Olivier, 1808, l. c., 8 : pl. 15, fig. 106.

Platysternus hebraeus (Fabr.) — Bates, 1862, Ann. Mag. Nat. Hist., (3) 9:400; Gemminger et Harold, 1873, Cat. Col., 10:3139; Aurivillius, 1923, Col. Cat. Junk et Schenkling, 23 (pars 74) : 372; Blackwelder, 1946, Checklist Col. Ins., U. S. Nat. Mus. Bull., 185 (4) : 607.

Astynomus mucoreus Colas, 1952 (nec Bates), Insectes, Quatre-Vingts Agrandissements : pl. 18.

Colas reproduz em bela estampa um exemplar de *Platysternus hebraeus* (F., 1781), sob a denominação errônea de *Astynomus mucoreus* Bates, 1872, espécie que faz parte hoje do gênero *Astyochus* e que nem de leve pode ser confundida com a velha espécie fabriciana. *Platysternus hebraeus* foi figurada por Olivier, tanto no seu Tableau Encyclopedique et Méthodique, como na Entomologie, e um simples confronto entre os desenhos, embora toscos, dessas obras antigas e a reprodução fotográfica de Colas não deixam qualquer dúvida sobre o engano na identificação da espécie.

Quanto à localidade geográfica da espécie, embora Thomson mencione "Cayenne" e Pará e Lacordaire "Guyane" e Pará, os catalogadores (Gemminger et Harold, Aurivillius e Blackwelder) citam apenas o Brasil, provavelmente estribados em Bates, visto que os antigos autores se limitaram a indicar apenas a America Meridional como área geográfica. Assim, a indicação de Guiana, do exemplar figurado por Colas, comprova as referências de Thomson e Lacordaire.

Bates encontrou em Caripí, perto do Pará, certo número destes longicórnios roendo a casca de guariúbas. No entanto, a espécie parece ser rara nas coleções de insetos. O Departamento de Zoologia possui apenas um exemplar (Fig. 4) identificado por Gounelle. Este exemplar tem as manchas escuras elitrais mais uniformes que as do espécime figurado por Colas, em que as manchas são mais irregulares e interrompidas.

Esta espécie tem tantas e tão acentuadas peculiaridades, que não é estranho ter sido ela separada em grupo a parte, juntamente com o *Eusthenomus wallisi* Bates, 1875, da Colombia. Fica assim a sub-família *Platysterninae* constituída de apenas dos gêneros, cada qual com uma única espécie.

Dou abaixo uma breve descrição do exemplar do Departamento de Zoologia:

Tegumento negro; revestimento piloso branco-acinzentado, muito denso e acamado, um tanto mais sedoso e longo na parte inferior do corpo. Élitros com manchas aveludadas de cor castanho-escuro, quase negro, de forma alongada, distribuídas em quatro fileiras longitudinais em cada élitro; a fileira mais externa com manchas mais imprecisas. Entre as manchas maiores, diminutas manchinhas circulares, muito esparsas, salpicam a superfície dos élitros. Fig. 4.

Fronte toda granulada, os granulos diminutos e lustrosos; na depressão entre os tubérculos das antenas e lobos superiores dos olhos com pontuação coalescente, apenas bem isolada nos bordos junto aos lobos superiores dos olhos; lados da cabeça, labro e vértice sem pontuação. Um fino sulco longitudinal mediano parte do meio do bordo do clipeo, tornando-se evanescente na parte posterior do vértice; o labro largamente bilobado e muito largo no sentido longitudinal, cêrca da mesma largura do lobo inferior dos olhos; processos jugulares inermes; região gular lisa; mandíbulas moderadamente curvas, de ápice liso, nos lados apenas alargadas na base articular. Olhos finamente granulados, os lobos inferiores situados em sentido transversal; na frente muito profundamente recortados; os lobos superiores bem afastados no vértice da cabeça, pouco mais estreitos que os inferiores. Tubérculos das antenas muito afastados entre si, rasos, os ápices apenas arredondados, não salientes; atrás dos tubérculos das antenas e junto aos ápices dos lobos superiores dos olhos, de cada lado, com uma carena de bordo arredondado, mais espessa anteriormente. Antenas revestidas de fina e densa pilosidade cinérea, passando a pardacenta para os ápices do 3.º artículo e seguintes e totalmente parda nos três últimos artículos. O escapo muito engrossado, quase desde a base, alcançando a base anterior dos tubérculos laterais do protorax; o 2.º artículo caliciforme, os seguintes cilindri-

cos, um tanto nodosos nos ápices, 3-4 levemente arqueados; o escapo, o 3.º e o 4.º artículos subiguais em comprimento, os seguintes gradualmente decrescentes; o 7.º com a metade do comprimento do 3.º, o último muito curto, cêrca do comprimento do 2.º e com apenas a metade do comprimento do 9.º.

Protorax transversal, mais que duas vezes mais largo que longo, incluindo os tubérculos laterais; nos lados expandido em forte tubérculo de ápice bastante agudo e levemente dirigido para cima e para trás; anexo e anterior a êste, de cada lado, com um pequeno mas projetado tubérculo dentiforme; no centro do disco do pronoto com duas carenas espessas e junto ao bordo posterior divergentes, completando o arco de cada carena elitral; entre os braços curvos dessas carenas longitudinais do pronoto há uma depressão no meio da qual aparece uma terceira carena mediana, fina anteriormente e espessada para trás, onde eleva-se em bem marcado tubérculo; dêsse ponto forma-se uma profunda depressão transversal, limitada lateralmente pelos ramos divergentes das carenas pronotais e posteriormente pelo bordo curvo e elevado do pronoto; para o lado externo das carenas o pronoto é declive em direção aos tubérculos laterais e o bordo posterior é recortado; a depressão central apresenta-se moderadamente pontuada de cada lado da carena mediana; na depressão transversal posterior a pontuação é grossa e abundante no recesso da depressão; nas margens anterior e posterior do pronoto a pontuação é adensada mas mais fina, e a mesma pontuação fina, porém esparsa, encontra-se nos declives e sobre a base dos tubérculos; o lado inferior sem pontuação excepto alguns pontos na base inferior dos tubérculos.

Escutelo obliquamente ascendente, formando estreita e transversal depressão com o bordo posterior do pronoto; o ápice arredondado e um tanto deprimido no centro, em sentido longitudinal.

Élitros moderadamente convexos, três vezes o comprimento do pronoto; a largura basal igual a do pronoto, incluídos os tubérculos laterais, e cêrca de 2/3 do comprimento dos élitros; os úmeros salientes, arredondados; os ápices arredondados, inermes, na sutura mui levemente divergentes; com duas carenas basais, formando em conjunto um circulo quase completo; na base essas carenas são espessas e de bordo superior um tanto irregular, para trás afinam-se e tornam-se obsoletas antes de alcançar a sutura; da parte posterior do circulo partem duas "costelas", ou finas carenas, bem marcadas, e da região úmeral duas mais apagadas: a 1.ª costela corre junto à sutura, alcançando o ápice dos élitros; a 2.ª, mais ou menos paralela à esta, não atinge o ápice e conflue com a 4.ª, que é a mais externa; a 3.ª situa-se entre a 2.ª e a 4.ª e não atinge o ponto de confluência destas; a margem externa dos

élitros é estreitamente explanada; na região úmeral e na depressão entre úmero e carena basal, de cada lado, aparecem pequenos grânulos lustrosos.

Processo prosternal de lados sub-paralelos, com cêrca da metade da largura da coxa anterior, um nada curvo entre as coxas, depois fortemente recurvo para o mesosterno, aí deprimido no centro e alargado para o ápice, êste de bordo reto. Processo mesosternal um pouco mais que o dobro da largura do prosternal; com a face anterior quase a prumo, a posterior declive para o metasterno; a região estreita e convexa entre essas duas faces é fina e transversalmente rugosa; nos extremos, de cada lado, eleva-se um tuberculo saliente e lustroso. Metasterno transverso, com a parte anterior bilobada, cada lobo encostado a base dos tubérculos do processo mesosternal, os ápices dos lobos longitudinalmente rugosos; entre os lobos, por serem êstes fortemente convexos, forma-se profunda depressão; o metasterno apresenta fina linha longitudinal mediana e a sua superfície é muito finamente pontilhada; os meta-episternos são largos, muito gradualmente despontados para a ponta e aí os bordos superior e inferior curvos para o ápice, êste sub-truncado. Abdomen de segmentos relativamente curtos, o primeiro o mais longo, os seguintes com pequena diferença em comprimento, o último de ápice largamente truncado.

Pernas de fêmures robustos, engrossados para o meio, curta-mente despontadas na base e no ápice; tíbias relativamente delgadas, um pouco alargadas no ápice, as anteriores e médias sub-lineares, as posteriores um tanto recurvas em sentido oposto ao eixo do fêmur, quando justapostas a êle.

Comp. 28.5 mm., largura úmeral, 13 mm.

Localidade: Brasil, Estado do Pará, Santarém, 1903, E, Garbe col. Nas coleções do Departamento de Zoologia sob n.o 12.604.

***Seteirastoma meridionale* Aurivillus, 1908**

Steirastoma meridionale Aurivillius, 1908, Arkiv f. Zool., 5 (1) : 9; Aurivillius, 1923, Col. Cat. Junk et Schenkling, 23 (pars 74) : 381; Blackwelder, 1946, Checklist Col. Ins., U. S. Nat. Mus. Bull., 185 (4) : 609.

Stirastoma depressum Heyne-Taschenberg, 1906, (nec F., 1781), Exot. Käfer : 243, pl. 37, fig. 39.

Steirastoma heros Sturm, ?, in Guy Colas, 1912, Insectes, Quatre-Vingts Agrandissements, pl. 18.

A espécie figurada por Colas ao lado direito da plancha 18 é sem dúvida o *Steirastoma meridionale* Auriv., bróca muito comum das nossas paineiras (*Bombax* sp.) e muito frequente no Ipiranga, bairro da capital de São Paulo. Ocorre durante vários meses do ano, pois que a série de exemplares das coleções do De-

partamento de Zoologia indica capturas em setembro, dezembro, janeiro, fevereiro, abril e maio, sendo, ao que parece, mais frequente em fevereiro.

Os catalogos de Dejean, de Sturm (as edições que me foi possível consultar), de Gemminger et Harold e de Junk et Schenkling, não citam, nem como sinônimo, espécie alguma que pudesse ser identificada com o *Steirostoma heros* Sturm de Colas. Existem, entretanto, três exemplares, dos primeiros identificados por Gounelle (ex-coleções entomológicas do Museu Paulista), que trazem etiqueta com o nome *Stirastoma heros* Sulzer. Outros exemplares foram identificados por Gounelle em 1910 e 1912 como *meridionale*. Não conheço a obra de Sulzer e, portanto, não posso dar uma opinião, mas parece pouco provável que Gounelle e Aurivillius, especialistas de renome, deixassem de citar a espécie de Sulzer, ou de Sturm, caso existisse uma descrição, e parece estranho que os diversos catalogadores também desconhecêssem a espécie. Se qualquer dêsse dois autores antigos, Sulzer, ou Sturm, tiver publicado uma descrição válida, *Steirastoma meridionale* Auriv., terá que ser colocado em sinonímia.

Aurivillius deu o nome de *meridionale* para a espécie figurada por Heyne-Taschenberg sob o nome de *Stirastoma depressum* L., argumentando que o inseto descrito por Linneu não é um *Steirastoma* e que o inseto figurado também não é o *S. depressum* (Fabricius, 1781), hoje incluído nos catalogos como sinônimo de *S. breve* (Sulzer, 1776). Aurivillius apenas aponta como caráter diferencial entre *breve* e *meridionale* a estrutura do último segmento das antenas nos ♂♂, mas existem outras diferenças muito acentuadas, tanto no escapo das antenas, na escultura do torax e dos élitros, como na pontuação e no colorido. Como tenho em elaboração um trabalho com a caracterização diferencial das espécies deste gênero, não dou nesta nota sinonímica a descrição de *meridionale*.

ABSTRACT

The autor revalidates *Ceroctenus* Serville, 1832, on account of *Poecilosoma* Serville, 1832, being an homonym of *Poecilosoma* Huebner, 1819 (Rules, Opinion 147).

Dillonia, new genus, is erected for *Clytemnestra* Thomson, 1860, as it seems to the author this name was correctly invalidated by Thomson himself, as a synonym of *Hypselomus* Perty, 1830. In 1864, Thomson considered his *Clytemnestra tumulosa* of 1860 as the type of his section *A* and, therefore, invalidated his genus *Clytemnestra* on the basis of *tumulosa* being a synonym of *Hypselomus cristatus* Perty, 1830. This procedure, in 1864, is equivalent to a type-selection, which clearly invalidates his genus, independent of his own opinion on this question. Subsequent authors included the remaining species, belonging to Thomson's section *B*, or their correspondents, in the genus

Hypsioma. Aurivillius, 1923, reestablished *Clytemnestra* for the two species of this group B, a procedure accepted by Dillon et Dillon and Blackwelder.

Dillon et Dillon consider only one species in the genus, treating both forms as subspecies. Their type subspecies, however, is the most recent described species, which they name:

Clytemnestra adspersa adspersa Castelnau

Therefore, the second species is:

Clytemnestra adspersa albisparsa Germar.

As *adspersa* was described in 1840 and *albisparsa* in 1824, the contrary should rule, with *Clytemnestra albisparsa albisparsa* Germar, and *Clytemnestra albisparsa adspersa* Castelnau.

Their subspecies criterion seems to be only conjectural, as subspeciation is really a very difficult problem requiring very detailed range information and adequate series of specimens of both forms. These conditions seem to be lacking in Dillon et Dillon's treatment of the subject. It would be preferable to maintain a separate specific identification for the two forms until better data can be collected.

Two species figured by Colas, 1952 (Pl. 18), are misnamed. His *Astynomus mucoreus* Bates is *Platysternus hebraeus* (F., 1781), and his *Steirostoma heros* Sturm is *Steirastoma meridionale* Aurivillius, 1908.

BIBLIOGRAFIA RECENTE

- BLACKWELDER, 1946 Checklist of the Coleopterous Insects of Mexico, Central America, the West Indies, and South America, *U. S. Nat. Mus. Bull.*, 185 (4) : 603. Washington.
- BOSQ, JUAN M., 1943, Segunda Lista de Coleópteros de la República Argentina, dañinos a la Agricultura, *Ingeniería Agronómica*, 4 (18-22) : 24. Buenos Aires.
- BOSQ, JUAN M., 1949, Anotaciones relativas a una Lista de Fauna local sobre Cerambicidos Argentinos, *Rev. Soc. Entomológ. Arg.*, 14:199.
- BOSQ, JUAN M., 1951, Notas para el Catalogo de los Cerambicidos del Uruguay, *Com. Zool. Mus. Hist. Nat. Montevideo*, 3 (62) : 23. Montevideo.
- DILLON (LAWRENCE S.) and DILLON (ELIZABETH S.), 1945, The Tribe Onciderini, Part 1, *Reading Publ. Mus. & Art. Gallery, Scient. Publ.* 5 : xi, 85-87; Part 2, 1946, 1. c., *Scient. Publ.* 6 : pl. 1, figs. 7 and 8. Reading, Pennsylvania.
- PROSEN, ALBERTO F., 1947, Cerambycoidea de Santiago del Estero, *Rev. Soc. Entomológ. Arg.*, 13:331. Buenos Aires.

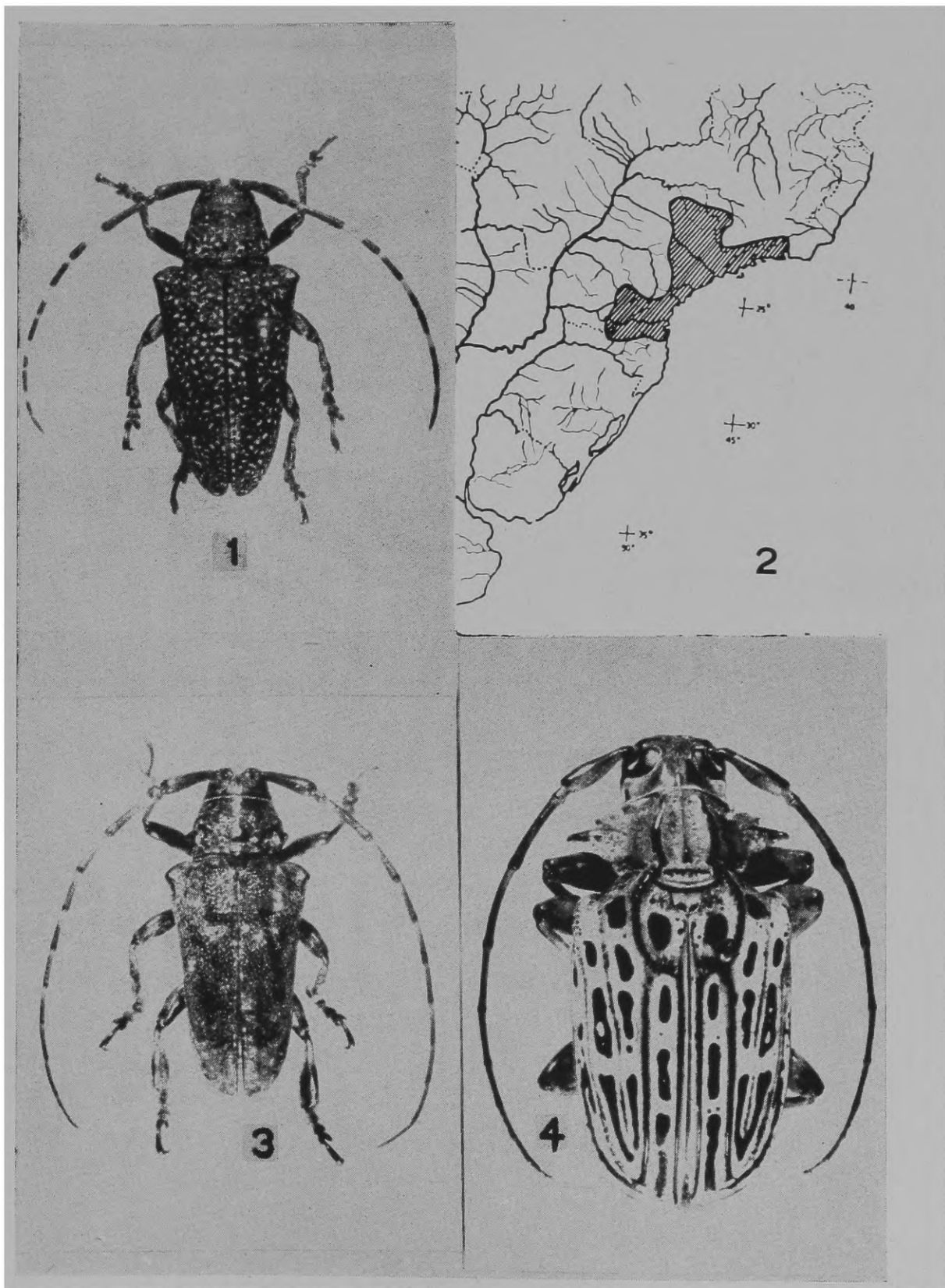


Fig. 1 - *Dillonia adspersa* (Cast., 1840) ♀ ; Fig. 2 - Distribuição geográfica de *Dillonia adspersa*, baseada na série de exemplares do Departamento de Zoologia ; Fig. 3 - *Dillonia albisparsa* (Germar, 1824) ♂ ; Fig. 4 - *Platysternus hebraeus* (F., 1781).

